

TRANSPORTE

Serviço de táxi (foto) no Distrito Federal é caro e ruim, segundo opinião dos próprios usuários. Categoria ainda cobra aumento de tarifas.

PÁGINAS 21 e 22



Carlos Vieira/Esp. CB/D.A Press

SORTE

Com o prêmio da Mega-Sena acumulado mais uma vez, os brasilienses contam o que deixariam de fazer se ganhassem a bolada.

PÁGINA 24



Kléber Lima/CB/D.A Press

HAJA PACIÊNCIA!

Milhares de pessoas aguardam produtos comprados em dezembro pela internet e em lojas. Camila Avelar (foto) esperou notebook do filho por três meses.

PÁGINA 26

AMBULANTES

Camelôs aproveitam a troca de turno dos agentes da Agefis e de PMs para faturar em regiões como as áreas centrais de Ceilândia e do Gama. Entre as 12h e as 14h, as calçadas ficam repletas de produtos comercializados por eles. A maioria tem espaço demarcado

Illegalidade com hora marcada

» NOELLE OLIVEIRA

São 11h45 e a praça do centro da Ceilândia, próxima à Feira Permanente, na Avenida Hélio Prates, se enche de vendedores ambulantes. A montagem é rápida e as calçadas ficam repletas de DVDs piratas. Os variados títulos estão espalhados em cerca de 20 aparatos com as cópias dos vídeos que são erguidos formando corredores por onde circulam os apressados clientes em horário de almoço. Meias, bolsas, bijuterias e aparelhos eletrônicos, como celulares, também são expostos em outros espaços, somando mais de 30 pontos irregulares de venda. Os ambulantes aproveitam cada minuto, das 12h às 14h, para lucrar. A ação é baseada em uma falha da fiscalização.

É nesse mesmo horário que é trocado o turno de trabalho na Agência de Fiscalização do DF (Agefis) e, portanto, a ação de monitoramento dos agentes é minimizada. "Quando vai dando perto das 14h, já é bom ficar esperto porque os caras (fiscais) chegam aí", diz um vendedor ambulante, sem saber que conversa com a reportagem do *Correio*. As duas horas de ilegalidade "garantidas" podem se prorrogar um pouco mais, dependendo da programação da fiscalização, que é feita em forma de rodízio dos profissionais. "Às vezes, eles só chegam aqui às 15h, tem dia que vêm antes, varia muito", completa o mesmo autônomo, enquanto oferece um DVD pirata a R\$ 3 a unidade, ou a R\$ 5, dois exemplares.

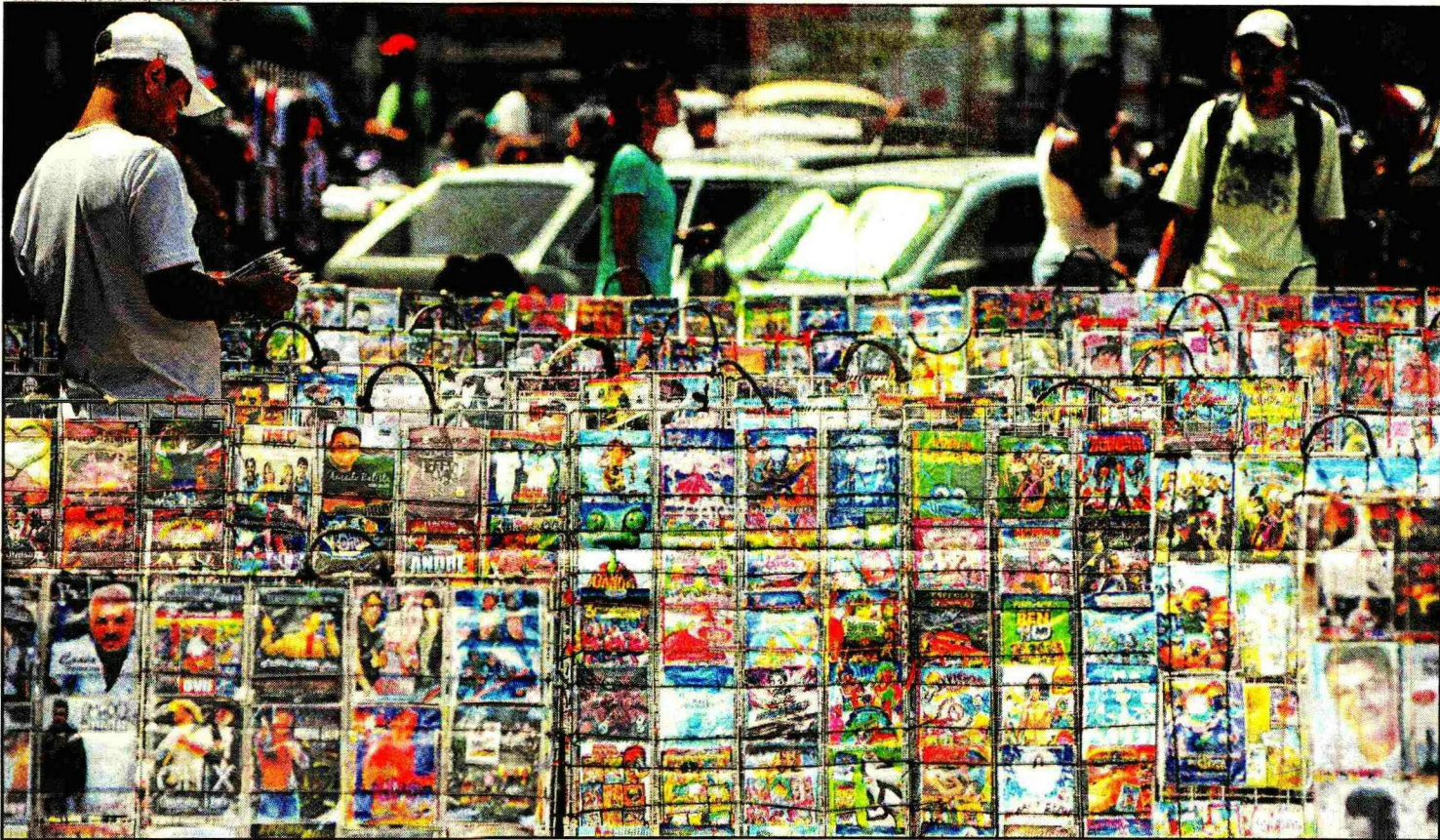
A movimentação é diária e os pontos, fixos. Um ambulante é proibido de invadir o espaço de outro mais antigo na região. Tanto que, nos cartões distribuídos aos clientes, a localização do vendedor é revelada, tendo como referência a loja em frente à qual as vendas ocorrem. "Se o DVD não funcionar, volta aqui amanhã que eu troco, tô sempre aqui", garante uma vendedora a um comprador. Os nomes estampados nos cartões, na maioria das vezes, revelam os apelidos pelos quais os ambulantes são conhecidos na região.

Opiniões divididas

O comércio ilegal divide opiniões de quem trabalha nas grandes lojas próximas. Quem comenta o assunto, no entanto, tem receio de se identificar. "Visualmente, não é bonito. Aqui todo mundo detesta eles. Mas, para as nossas vendas, até que é bom, a pessoa vem comprar uma bolsa aqui na frente, eu acabo oferecendo um produto e fechando um negócio", diz o vendedor de uma das lojas da comercial.

Quem trabalha na região confirma a ação dos autônomos e a falta de fiscalização no horário do almoço, justamente o período de tempo em que mais pessoas circulam pelas imediações. "Os fiscais passam todos os dias aqui, em diferentes horários. Tem fiscalização sempre. Mas na hora do

Fotos: Monique Renne/CB/D.A Press



Próximo à Feira Permanente de Ceilândia, os ambulantes se articulam para que um não ocupe o lugar do outro. Eles distribuem até cartões de visitas



A oferta de produtos é grande: vai de DVDs piratas a bolsas e roupas



No Gama, o cenário é semelhante numa das avenidas principais

Memória

Mudança desde 2008

Até 2008, a paisagem da área central de Brasília era marcada por camelôs e vendedores ambulantes. O comércio ilegal se espalhou pelos setores comerciais e bancários Sule Norte. Mas a maior concentração de barracas era na região do antigo Gran Circular, ao lado da Rodoviária do Plano Piloto. O Instituto de Patrimônio

almoço, eu nunca vi", conta o vendedor de uma grande loja de eletroeletrônicos ao lado da praça. O gargalo na fiscalização também é assumido pelos fiscais da Agefis. "Na hora do almoço, realmente é mais complicado, devido às nossas escalas. É um problema que a gente tem. Além disso, o baixo efetivo de fiscais atrapalha a cobertura completa de todos os pontos o tempo todo. Precisamos de mais profissionais", confirma

Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Federação do Comércio do DF pressionaram o GDF pela remoção dos comerciantes ilegais. Mas, diante das reclamações dos ambulantes, o governo postergou a retirada até a conclusão da obra do Shopping Popular, ao lado da Rodoviária. Com os novos pontos, o

um fiscal que atua na área.

De acordo com o diretor de Operações de Fiscalização da Agefis, Cláudio Caixeta, o intervalo entre as 12h e as 14h é utilizado para a troca de turnos na agência. "Tanto a fiscalização como o policiamento militar trocam os turnos nesse horário, por isso a maior movimentação de ambulantes nesses pontos. Estamos verificando a atuação dos autônomos, fazendo um estudo e alternando o

Executivo local promoveu uma varredura em áreas consideradas tradicionais pela exploração dos informais e os reposicionou nos espaços, alguns dos quais não vingaram. Ainda em 2007, a desocupação das calçadas de Ceilândia, por exemplo, tornou-se modelo de sucesso do governo local para a erradicação das bancas irregulares. (NO)

horário das abordagens", afirmou Caixeta. Ainda de acordo com o diretor, a fiscalização nas áreas é realizada diariamente. "Desde 2007, não existe mais aquela ocupação constante de autônomos no DF. Ambulante tem em todo lugar, mas o importante é não deixar que ele ocupe o espaço definitivamente. Manter os camelôs longe das ruas é a parte mais onerosa, a mais difícil, e estamos conseguindo cumpri-la", avaliou Caixeta.

Drible na fiscalização

No Gama, a cena de autônomos espalhados pelas calçadas se repete. São 12h45 e na avenida principal, também próximo às grandes lojas, a venda de produtos piratas é constante. "A fiscalização só bateu aqui uma vez este ano. Desde então, os ambulantes ficam aqui o dia inteiro", garante um vendedor de uma loja próxima. "Quando os fiscais aparecem é cedinho, por isso mesmo eu só chego mais tarde, umas 11h. Nos últimos dias, no entanto, a gente não teve problema, não", afirma um ambulante, que conversa com a reportagem também sem se identificar. O horário de trabalho dos autônomos é o mesmo das lojas. Os últimos deixam os pontos por volta das 19h. "Após as 17h, é muito difícil ver qualquer fiscal por aí", garante um vendedor que se identifica como Cícero e trabalha como ambulante há 20 anos.

Nos dias em que o *Correio* percorreu alguns pontos do DF, na última semana, durante o horário de almoço, pouca atuação dos ambulantes foi vista em regiões como Taguatinga, Recanto das Emas e na área central do Plano Piloto. Em Ceilândia e Taguatinga, após as 15h, as grandes avenidas foram ocupadas por fiscais, acompanhados de policiais militares. Na ocasião, poucos ambulantes foram encontrados nas imediações. "Eles já deixam tudo armado, têm olheiros que avisam quando os fiscais estão chegando. É nessa hora que todos correm para os carros que já ficam estacionados aqui perto", explica um comerciante fixo de Ceilândia. Segundo ele, os ambulantes mais antigos costumam ter, frequentemente, o material apreendido pela Agefis. "Eles pegam mais pesado com quem vende CD e DVD", avalia.

Entorno

Quem circula pelas regiões tomadas pelos vendedores tem opiniões diferentes quanto ao trabalho dos ambulantes. "Eu acho que atrapalha, fica feia a cidade, mas ao mesmo tempo tenho pena deles. São pessoas que precisam trabalhar", avalia a cabeleireira Amanda Vieira, 25 anos. O professor Armando Santos, no entanto, é mais radical. "Eles insistem em algo que é ilegal. Devem buscar outro meio de sustento, essa situação atrapalha toda a movimentação na comercial", considera.

Para o diretor de Operações de Fiscalização da Agefis, Cláudio Caixeta, a proximidade de cidades como Ceilândia e Gama da região do Entorno facilita a movimentação dos autônomos. "Eles chegam de regiões próximas, na maioria das vezes do Entorno, e acabam ficando por ali. No Plano Piloto, por sua vez, já conseguimos reduzir significativamente a ação dos camelôs", conclui Caixeta. (NO)